



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0181/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 07/07/2025**

**Mimistro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita  
recebe telefonema do secretário de Relações Exteriores do  
Reino Unido**



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, e o Secretário de Estado britânico para Assuntos Estrangeiros, da Commonwealth e do Desenvolvimento, David Lammy.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, recebeu ontem um telefonema do Secretário de Estado britânico para Assuntos Estrangeiros, da Commonwealth e do Desenvolvimento, David Lammy. Durante a ligação, eles revisaram as relações sauditas-britânicas e discutiram os desenvolvimentos na região e os esforços que estão sendo feitos em relação a eles, disse o Ministério das Relações Exteriores saudita.

O Secretário de Relações Exteriores do Reino Unido está em visita à região e se encontrou no passado sábado com o presidente sírio, Ahmad Al-Sharaa, em Damasco. A reunião marcou a restauração das relações britânico-sírias após 14 anos de tensões

durante o conflito da Síria e o governo da família Assad. Ontem, Lammy se reuniu separadamente com o primeiro-ministro do Kuwait, Sheikh Ahmad Abdullah Al-Ahmad Al-Sabah, e o Príncipe herdeiro, Sheikh Sabah Khaled Al-Hamad Al-Sabah, durante uma visita ao Kuwait. **Fonte-Arab News**.

## Governador da região leste recebe embaixador da Tailândia no Reino da Arábia Saudita



O Príncipe Saud bin Naif bin Abdulaziz (R) conversa com Dam Bontam em Dammam.

O Príncipe Saud bin Naif bin Abdulaziz, governador da Região Leste, recebeu ontem em Dammam o embaixador da Tailândia no Reino, Dam Bontam.

Durante a reunião, as autoridades discutiram tópicos de interesse comum, informou a Agência de Imprensa Saudita. Separadamente, o embaixador saudita nas Maldivas, Yahyah Al-Qahtani, apresentou suas credenciais ao presidente do país, Mohamed Muizzu, em seu escritório. "Ambos os lados reafirmaram seu compromisso de fortalecer a parceria histórica entre o Reino da Arábia Saudita e as Maldivas", escreveu ontem a embaixada saudita em um post no X. **Fonte-Arab News**.

## Centro financeiro de Riade ganha recorde do Guinness por 15,46 km de passarela de pedestres



Mbalu Nkosi, juiz oficial do Guinness World Records, entrega o prêmio a Faddy AlAql, director de entrega de ativos da KAFD Development and Management Co. A rede se estende por 15,46 km, ligando 95 edifícios por meio de 42 passarelas climatizadas, permitindo o acesso de pedestres durante todo o ano.

O Distrito Financeiro Rei Abdullah, em Riade, foi premiado ontem com um Recorde Mundial do Guinness pela maior rede contínua de pedestres do mundo. A rede se estende por 15,46 km, ligando 95 edifícios por meio de 42 passarelas climatizadas, permitindo o acesso de pedestres durante todo o ano. Elevadas acima do solo e

conectadas ao metrô de Riade, as passarelas ajudam trabalhadores, visitantes e residentes a se moverem facilmente pelo distrito, evitando o tráfego e o clima. Construído com 30.000 metros quadrados de vidro e mais de 3.000 toneladas de aço, o projecto exigiu mais de 5 milhões de horas de trabalho seguras de 1.200 funcionários. As passarelas conectam escritórios, residências, lojas, restaurantes e locais de entretenimento, facilitando a caminhada entre trabalho, casa e lazer.

"Este reconhecimento do Guinness World Records afirma o KAFD como uma plataforma para o desenvolvimento urbano", disse Faddy AlAql, director de entrega de activos da KAFD Development and Management Co.

"A rede de passarelas reflecte uma estratégia de mobilidade que conecta activos, aprimora a capacidade de caminhada e apoia nosso objectivo de oferecer uma experiência de cidade inteligente." O distrito abriga mais de 90 empresas internacionais e locais e 19 sedes regionais, incluindo Goldman Sachs, Bain & Company e PepsiCo.  
**Fonte-Arab News.**

## Japão busca estabilidade nos países do GCC



**Ambos os lados concordaram em manter uma estreita cooperação para ajudar a trazer paz e estabilidade no Médio Oriente.**

O ministro das Relações Exteriores do Japão, Takeshi Iwaya, reuniu-se nesta segunda-feira com o secretário-geral do CCG, Jasem Al-Budaiwi, para discutir a indústria petrolífera global e a crescente instabilidade no Médio Oriente.

Iwaya disse que os países do GCC estão desempenhando um papel cada vez mais importante em meio à turbulência regional e internacional, afirmou o Ministério das Relações Exteriores do Japão.

O Japão quer aprofundar a cooperação política e econômica com o GCC para trazer paz e estabilidade à região, incluindo a conclusão das negociações do Acordo de Parceria Econômica Japão-GCC.

Al-Budaiwi disse que o bloco regional também espera a conclusão das negociações da EPA e uma maior cooperação no âmbito do Plano de Acção Japão-GCC e acrescentou que Tóquio era um parceiro importante e estendeu um convite para uma reunião dos ministros das Relações Exteriores das duas partes. As autoridades falaram abertamente sobre questões no Médio Oriente, incluindo o conflito entre Israel e Irão, ataques à Faixa de Gaza e situação na Síria.

Iwaya disse que o Japão continuará seus esforços diplomáticos para garantir que o acordo de cessar-fogo entre Israel e Irão seja implementado e os caminhos para o diálogo sejam reabertos e ecoou essa visão e disse que as nações do GCC continuam comprometidas com o diálogo. As autoridades compartilharam suas preocupações sobre actos que ameaçam rotas marítimas e ataques a instalações petrolíferas. **Fonte-Arab News.**

## **Coalizão islâmica organiza programa de treinamento em Riade**



O programa está alinhado com o objectivo do Reino da Arábia Saudita de melhorar a integração e a cooperação entre os estados membros na luta contra o terrorismo.

A Coalizão Militar Islâmica de Combate ao Terrorismo lançou ontem em sua sede em Riade um programa de treinamento especializado intitulado "Gerenciamento de Colecção". Esta iniciativa faz parte dos esforços do Reino para apoiar e

desenvolver as capacidades dos candidatos dos estados membros da coalizão, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O programa está alinhado com o objectivo do Reino da Arábia Saudita de melhorar a integração e a cooperação entre os estados membros na luta contra o terrorismo. Destina-se a 25 candidatos de 14 Estados-membros, fornecendo conhecimentos teóricos e habilidades práticas em operações de colecta, análise de dados e apoio aos tomadores de decisão em contraterrorismo e antiextremismo.

O programa de cinco dias, supervisionado por especialistas militares e de informação, inclui sessões de treinamento, simulações e workshops para melhorar a prontidão institucional e a capacidade para os desafios actuais de segurança. Esse treinamento faz parte de um esforço mais amplo da coalizão, agora compreendendo mais de 46 programas especializados que abrangem áreas como ideologia, financiamento do terrorismo, coordenação militar e engajamento da imprensa. **Fonte-Arab News.**

## **Israel lança ataques aéreos contra houthis no Iêmen, e houthis revidam com mísseis**

Os ataques ocorreram após um ataque ontem contra um navio de bandeira liberiana no Mar Vermelho que pegou fogo e entrou na água, forçando mais tarde sua tripulação a abandonar a embarcação. A suspeita do ataque ao graneleiro de propriedade grega

Magic Seas recaiu imediatamente sobre os houthis, particularmente porque uma empresa de segurança disse que parecia que barcos drones transportando bombas atingiram o navio depois que ele foi alvejado por armas pequenas e granadas propelidas por foguetes. Os rebeldes noticiaram o ataque, mas não o reivindicaram. Pode levar horas ou até dias antes de reconhecerem uma agressão.

Uma nova campanha dos houthis contra o transporte marítimo poderia atrair novamente forças americanas e ocidentais para a área, particularmente depois que o presidente Donald Trump atacou os rebeldes em uma grande campanha de ataques aéreos. O ataque ao navio ocorre em um momento delicado no Médio Oriente, já que um possível cessar-fogo na guerra Israel-Hamas está em jogo e o Irão avalia se deve reiniciar as negociações sobre seu programa nuclear após ataques aéreos americanos contra suas instalações atômicas mais sensíveis em meio a uma guerra israelense contra a República Islâmica. **Fonte-Reuters**.

## **Irão ganha apoio de aliados do Brics sobre Israel e ataques dos EUA**



Líderes que participam da 17ª cúpula anual do BRICS posam para uma foto de grupo no Rio de Janeiro, domingo, 6 de julho de 2025.

O Irão ganhou o apoio de outras nações do BRICS reunidas ontem no Rio de Janeiro, com o bloco condenando os recentes ataques aéreos de Israel e dos EUA que atingiram alvos militares, nucleares e outros.

"Condenamos os ataques militares contra a República Islâmica do Irão desde 13 de junho de 2025", disseram os líderes em um comunicado da cúpula, sem nomear os Estados Unidos ou Israel. "Expressamos ainda séria preocupação com ataques deliberados a infraestruturas civis e instalações nucleares pacíficas", disse o bloco. O grupo de 11 nações disse que os ataques "constituem uma violação do direito internacional". A declaração é uma vitória diplomática para Teerão, que recebeu apoio regional ou global limitado após uma campanha de bombardeio de 12 dias pelos militares israelenses, que culminou em ataques dos EUA às instalações nucleares do Irão em Natanz, Fordow e Isfahan.

A reunião do BRICS inclui o arqui-inimigo de Israel, o Irão, mas também nações como Rússia e China, que têm laços com Teerão. Os diplomatas do BRICS estavam em desacordo sobre a força com que denunciar o bombardeio israelense ao Irão e suas

acções em Gaza, mas acabaram fortalecendo sua linguagem a pedido de Teerão. **Fonte-Reuters.**

## Países do Brics criticam tarifas dos EUA, mas evitam mencionar Trump



Visão geral durante a segunda sessão plenária da cúpula do BRICS no Rio de Janeiro, Brasil, em 6 de julho de 2025.

As 11 nações emergentes - incluindo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - respondem por cerca de metade da população mundial e 40% da produção econômica global. O bloco está dividido em grande parte, mas encontrou uma causa comum quando se trata do líder mercurial dos EUA e suas guerras tarifárias - mesmo que tenham evitado nomeá-lo directamente. Expressando "sérias preocupações sobre o aumento das medidas tarifárias unilaterais", os membros do BRICS disseram que as tarifas correm o risco de prejudicar a economia global, de acordo com um comunicado conjunto da cúpula. Eles também ofereceram apoio simbólico ao Irão, condenando uma série de ataques militares contra alvos nucleares e outros realizados por Israel e pelos Estados Unidos. Em abril, Trump ameaçou aliados e rivais com uma série de taxas punitivas, antes de um adiamento de meses diante de uma forte liquidação do mercado.

Trump agora alertou que imporá taxas unilaterais aos parceiros, a menos que cheguem a "acordos" até 1º de agosto. Em uma aparente concessão aos aliados dos EUA, a declaração da cúpula não criticou os Estados Unidos ou seu presidente pelo nome em nenhum momento. Concebidos há duas décadas como um fórum para economias em rápido crescimento, os BRICS passaram a ser vistos como um contrapeso impulsionado pela China ao poder dos EUA e da Europa Ocidental. Mas, à medida que o grupo se expandiu para incluir o Irão, a Arábia Saudita e outros, ele lutou para chegar a um consenso significativo sobre questões que vão desde a guerra de Gaza até desafiar o domínio global dos EUA. As nações do BRICS, por exemplo, pediram colectivamente uma solução pacífica de dois Estados para o conflito israelense-palestino - apesar da posição de longa data de Teerão de que Israel deveria ser destruído. Uma fonte diplomática iraniana disse que as "reservas" de seu governo foram transmitidas aos anfitriões brasileiros. Ainda assim, o Irão não chegou a rejeitar a declaração de imediato.

### **Xi Jinping e Putin ausentes da cúpula,**

O impacto político da cúpula deste ano foi esgotado pela ausência de Xi Jinping, da China, que faltou à reunião pela primeira vez em seus 12 anos como presidente. O líder chinês não é o único ausente notável. O presidente russo, Vladimir Putin, acusado de crimes de guerra na Ucrânia, também optou por ficar longe, participando por meio de

um link de vídeo. Ele disse aos colegas que o BRICS se tornou um actor-chave na governança global. A cúpula também pediu regulamentação que rege a inteligência artificial e disse que a tecnologia não pode ser reservada apenas às nações ricas. O sector de IA comercial é actualmente dominado por gigantes da tecnologia dos EUA, embora a China e outras nações tenham capacidade de desenvolvimento rápido. **Fonte-Reuters.**

### **Al-Sharaa segue para os Emirados Árabes Unidos em visita oficial**



O presidente da República Árabe da Síria, Ahmad al-Sharaa, viaja para os Emirados Árabes Unidos para uma visita oficial, informou hoje a Agência de Notícias Síria. **Fonte- Agência de Notícias Síria.**

### **Situação de "emergência" na fronteira entre Irão e Afeganistão**



**Refugiados afegãos chegam à fronteira de Islam Qala, entre o Afeganistão e o Irão Mohsen Karimi.**

Em cinco dias quase 450 mil afegãos saíram do Irão e regressaram ao Afeganistão. No final de maio, o Irão fixou o dia 6 de julho como a data limite para a saída de "quatro milhões de afegãos ilegais". De acordo com a Organização Internacional para as Migrações, 449.218 saíram do Irão entre 1 e 5 de julho.

O número de pessoas que cruzaram a fronteira entre o Irão e o Afeganistão aumentou desde meados de junho. Muitas pessoas relataram pressão das autoridades iranianas,

para além de prisões, deportações, e a perda de poupanças por terem de abandonar o Irão de repente. A ONU alerta que este fluxo populacional poderá desestabilizar o Afeganistão, país que já enfrenta pobreza extrema e desemprego elevado. As Nações Unidas apelam, por isso, aos países que acolhem cidadãos afegãos que não os expulsem. "Forçar ou pressionar os afegãos a retornarem corre o risco de aumentar a instabilidade na região e acelerar a sua migração para a Europa", alertou o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), em comunicado divulgado na sexta-feira. O representante da UNICEF no Afeganistão revelou à agência France-Press (AFP) que "o que é preocupante é que 25 por cento destes retornados são crianças (...) porque a demografia mudou, de homens solteiros para famílias inteiras que atravessam a fronteira com muito poucos bens e dinheiro". **Fonte-RTP.**

## Netanyahu recebido pelo fiador-chefe



GHASSAN CHARBEL

07 de julho de 2025



**Netanyahu espera um novo endosso da Casa Branca para alimentar sua candidatura à reeleição**

Ao visitar o escritório do presidente, ajuda trazer calor. Um abraço firme, um sorriso agradecido, um agradecimento público - todos os gestos de lealdade que dão o tom. É melhor chegar ávido de sabedoria e pronto para expressar não apenas a admiração pessoal, mas também a de seu povo. Nesses corredores do poder, espera-se que tanto os mais velhos quanto os juniores demonstrem reverência.

Alguns vão mais longe. Eles se declaram sortudos por terem nascido durante sua época, sortudos por navegarem no mesmo navio. Pois ele, dizem eles, é um capitão experiente, imperturbável por tempestades. O sucesso se apega a ele e acordos históricos levam sua assinatura. Ele é, aos olhos deles, diferente de qualquer antecessor - uma força singular, um aliado inabalável em tempos turbulentos.

A bajulação geralmente se estende à sua escolha de gravata ou passos de dança - e, é claro, seus tweets. Tal encontro pode começar com parabéns: as vitórias no exterior ecoam as de casa.

Enquanto o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, voava para sua reunião nos EUA esta semana, ele estava relaxado e cauteloso. Ele se credita por ter entrado na mente de Donald Trump - talvez até mesmo em seu coração. Mas Trump é um homem complexo: duro, viciado em vencer, um mestre em negócios e disruptão. Ele recua diante do fracasso, se irrita com a deceção e nunca recua.

Ele joga dos dois lados - estendendo a mão em um momento, dando socos no próximo. Ele vê o mundo através de suas próprias lentes, descartando a visão dos especialistas. Seu talento para desviar do curso é igualado apenas por seu talento para perturbar aliados e inimigos. Cada nova batalha aprofunda sua convicção de que o destino o escolheu para salvar não apenas a América, mas o mundo.

Netanyahu pode abrir a reunião com uma história. Ele poderia dizer que o apoio do presidente lhe permitiu realizar uma grande cirurgia no Médio Oriente - cirurgia dolorosa, delicada e cara que redesenhou a face da região. Apenas dois anos atrás, ele poderia dizer, um míssil poderia viajar de Teerão a Beirute via Iraque e Síria, ignorando a permissão do Estado. Um conselheiro da Guarda Revolucionária Islâmica poderia acompanhá-lo, armando representantes e cimentando seu lugar no chamado eixo da resistência.

Naquela época, um visitante da Síria podia encontrar o presidente Bashar Assad em Damasco e depois viajar por estrada para os subúrbios do sul de Beirute para se sentar com o chefe do Hezbollah, Hassan Nasrallah. Eles poderiam até se encontrar com líderes do Hamas e da Jihad Islâmica que vivem no Líbano sem o consentimento do Estado.

O apoio americano garantiu a vantagem militar e tecnológica de Israel e facilitou a operação. Hoje, o míssil não atinge mais seu alvo. Nem o conselheiro. A Síria, que já foi o corredor e a incubadora, fala uma língua diferente agora - supostamente buscando apenas reviver o acordo de retirada em troca de sair do lado militar do conflito com Israel.

O Líbano, que já foi a base da "frente de apoio", pagou um preço alto. Embora Israel tenha pausado seus bombardeios, continua com ataques letais. Sem a profundidade síria, o Hezbollah não pode lançar uma guerra. No entanto, sua insistência em manter suas armas rouba do Líbano a estabilidade e as perspectivas de reconstrução e pode desencadear algo pior.

O velho equilíbrio está quebrado. Jatos israelenses controlam os céus de grande parte da vizinhança e operam além das fronteiras. A Síria quer garantias dos EUA. O Hamas também. Líbano também. Até o Irão está buscando garantias americanas. Trump, ao que parece, é o fiador-chefe da região.

Netanyahu fecha os olhos. Ele sente gratidão genuína pelo presidente. O quadro mudou. A queda do regime de Assad, a seus olhos, mudou o jogo. A fase actual é sobre forçar as facções de volta aos seus mapas náuticos, despojadas de extensões regionais. Esse

retorno coincide com a extração de fronteiras do campo de batalha, pelo menos por enquanto.

A remoção dos escombros de Gaza levará anos. O mesmo acontecerá com a reconstrução. Enquanto isso, o Hamas provavelmente será marginalizado, incapaz de contemplar outra guerra.

O Líbano também pode não representar uma ameaça nos próximos anos. Na melhor das hipóteses, espera a implementação da Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU, a retirada israelense de seu território e que as armas sejam colocadas exclusivamente nas mãos do Estado.

O maior arquivo continua sendo o Irão. A promessa de Trump de impedi-lo de obter uma arma nuclear é inabalável. A última rodada de conflito atraiu Teerão directamente para a guerra, despojando-a do luxo de lutar por procuração. Os ataques israelenses em solo iraniano perfuraram o que Teerão considerava intocável. Mesmo quando os mísseis do Irão atingiram Tel Aviv, a perda estratégica em sua rede regional foi mais profunda.

Agora a pergunta: o Irão optará por cumprir o mandato de Trump, coexistindo até que o tempo acabe? Pode reconstruir novas linhas de defesa regional semelhantes ao antigo papel do Hezbollah?

Netanyahu sabe que Trump precisa de uma vitória em Gaza depois de não conseguir uma na Ucrânia. O presidente russo, Vladimir Putin, quer esmagar a Ucrânia antes de concordar com uma trégua e não quer nenhum parceiro para reivindicar a vitória.

Mas Netanyahu não desafiará o fiador-chefe. O homem de guerra também pode ser o homem de paz. Um cessar-fogo em Gaza pode ser aceito - e depois navegado. Alguma flexibilidade pode ser necessária, dada a devastação. Resta pouco em Gaza que possa representar um perigo.

Os adversários de Israel agora esperam garantias dos EUA. Netanyahu, por sua vez, espera um novo endosso da Casa Branca para alimentar sua candidatura à reeleição.

Alguns na região estão até esperando que Trump conclua que a garantia mais significativa que ele pode oferecer é manter viva a solução de dois Estados - mesmo que em pausa. Por enquanto, o fiador também continua sendo o negociante de surpresas.

**Ghassan Charbel** é editor-chefe do jornal Asharq Al-Awsat. X: @GhasanCharbel.

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.